

produção executiva  
Eunice Basto

direção de palco  
Emanuel Pina  
Filipe Silva

direção de cena  
Cátia Esteves

luz  
Filipe Pinheiro  
coordenação  
Adão Gonçalves  
Alexandre Vieira  
José Rodrigues  
Marcelo Ribeiro  
Nuno Gonçalves

maquinária  
Filipe Silva  
coordenação  
António Quaresma  
Carlos Barbosa  
Joel Santos  
Jorge Silva  
Nuno Guedes  
Paulo Ferreira  
Telma Moreira

som  
Joel Azevedo  
coordenação  
António Bica  
João Pedro Soares

língua gestual  
portuguesa  
Margarida Brito  
Ana Bandeira

APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

# Os poetas cansam-nos a falarem do amor.

Edição  
Teatro Nacional  
São João

coordenação  
Rui Manuel Amaral

design gráfico  
Pedro Nora

fotografia  
João Tuna

impressão  
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,  
gravar ou fotografar  
durante o espetáculo.  
O uso de telemóveis  
e outros dispositivos  
eletrónicos é incómodo,  
tanto para os intérpretes  
como para os espectadores.

## Biblioteca de S. Lázaro (Porto), 1991

Na Biblioteca de S. Lázaro, descobri um outro Camilo – o colaborador de jornais (alguns deles por ele criados e dirigidos) destinados a públicos-alvo bem distintos. Camilo surpreende sempre. No editorial de uma publicação dedicada ao mundo elegante, escreve:

Este jornal abomina a ciência. Aqui só se escrevem coisas que o leitor pode esquecer uma hora depois, com tranquila consciência de que não perdeu coisa alguma. Abjura-se também a sátira, e a crítica. Cada qual pode fazer o que quiser, e viver como quiser. Respeita-se a ignorância e o vício: respeita-se tudo.

## Termas de S. Pedro do Sul, 2007

Leio *A Experiência de Ler*, de C.S. Lewis, no qual se defende a tese do bom e do mau leitor. O mau leitor nunca lê um livro duas vezes, a leitura é sempre um último recurso, abandonada mal surge outro interesse. Já o bom leitor procura o silêncio e o tempo livre. Lê muitas vezes as grandes obras e descobre sempre algo novo.

Voltei a pensar na senhora de Vizela. Seria uma boa leitora, já que lia e lia *Amor de Perdição*, mesmo não lendo mais nada e esquecendo a leitura durante o resto do ano? Será que descobria coisas novas a cada releitura ou procurava apenas comover-se para passar o tempo?

## Inauguração do Palácio do Bolhão, 2015

Camilo escreveu sobre o Palácio do Bolhão. Retratou o brilho dos seus bailes, não evitando sarcasmos, como testemunha um artigo do *Jornal Nacional*, de Fevereiro de 1852:

Eram oito para as nove horas da noite de ontem, e o rodar das seges, que se cruzavam em todas as ruas da cidade anunciava que chegara o dia de baile do Sr. António Guimarães. Parecia que a elegância do Porto se preparava para a sua revolução. O palácio de sua senhoria donde a luz jorrava através de vidraças coloridas das suas janelas indicava ao motim o ponto de assalto. As suas imediações estavam atulhadas de povo por

onde rompia a custo a fileira de carruagens. [...] Os intervalos que se davam entre as quadrilhas, as valsas e as polcas, tocadas por uma amestrada orquestra e acompanhada a coros, eram preenchidos por um escolhido serviço de refrescos, de gelados, de fofos, de confeitaria, feito por dezenas de criados, vestidos em todo o rigor da etiqueta. [...] Às três horas abriu-se a sala de jantar. Esta sala está situada no 2.º andar da casa. O tinir dos cristais e das porcelanas, o somido da prata, o estalido do *champagne*, anunciavam que a gastronomia se tinha exagerado, e pairava assombrosa sobre os gelados, as espumas, as viandas, as compotas, os mariscos, as massas, os *cakes*, os vinhos. Um embriagante nevoeiro formado pela espuma de 300 garrafas de espumante, tolda os ares, para não dizer as cabeças. Trincha-se, espatifa-se, derrama-se. Rompem os brindes, os *hurrahs*. Expandem-se os corações, à medida que os estômagos se dilatam. Nem a imponente e colossal grandeza de um *cake*, sustém o acometimento de 800 dentaduras, das quais algumas é preciso confessar supriam em velocidade o que lhes faltava em beleza. [...] E assim acabou às oito da manhã talvez o mais esplêndido baile que o Porto tenha visto.

Quando li esta descrição não adivinharia que, anos mais tarde, viria a leccionar na sala de jantar, ou a tratar de papeladas na sala de fumo, ou ainda a ensaiar no salão de baile.

## Termas de S. Pedro do Sul, 2016

Durante dias, li apenas obras menos conhecidas de Camilo. Se os enredos românticos acabaram por me enfastiar, as dissertações e as reflexões eram maravilhosas, ocupando algumas delas páginas inteiras do romance. Como este texto contra o charuto, de que transcrevo um excerto:

Porque os vossos charutos calcinam os beijos como o ácido hidroclórico. Queimam a laringe como o ácido fosfórico. Laceram o esófago como o acetato de chumbo. Fulminam e despedaçam como o ácido hidroclórico. Sabeis quem me reduziu a

vegetal? Foi o charuto. Fazei a autópsia de um charuto como este e vereis que aqui dentro há um talo de couve-lombarda, uma carocha seca, uma folha de leituga, uma casca de bolota e três grãos de excrementos de rato ou coelho. Senhores deputados, não se mata assim impunemente um povo. Cadafalso para os envenenadores.

## Porto, 2017

Lê-se na nota informativa da RTP sobre o documentário *Amanhã*: “Após a publicação de um estudo que anuncia a possibilidade de desaparecimento da humanidade até 2100, Cyril Dion e Mélanie Laurent partiram [...] para investigar em dez países aquilo que poderá provocar esta catástrofe e, sobretudo, como evitá-la. Durante a sua viagem, encontraram pioneiros que reinventaram a agricultura, a energia, a economia, a democracia e a educação.” Uma das “defesas” do documentário é a importância de multiplicarmos as hortas familiares, no sentido real e metafórico.

No Porto das décadas de 1960 e 1970, havia muito quem lesse autores cuja obra está intimamente ligada à cidade, como Raul Brandão, Arnaldo Gama, António Nobre, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão ou Camilo. Esse tempo parece ter passado. Acredito na necessidade de nos alimentarmos do que cultivamos, daquilo que vemos crescer, que vem do nosso *terroir*. E que um dos riscos do nosso “amanhã” passa precisamente pela desvalorização da língua portuguesa nos “lugares” onde ela poderia reinventar-se e aprofundar-se, como são os casos das teses académicas, congressos, espetáculos de teatro ou música. Citando Pedro Calafate: “Interessa-nos [...] esta possibilidade de encarar cada língua como constituindo um sistema semiótico de compreensão do mundo, como um acto de liberdade que é condição de sobrevivência dos povos, sendo plausível que se tivermos mil modos diferentes de compreensão do mundo isso enriquecerá as possibilidades de existência humana na sua aventura histórica.”

## Palácio do Bolhão, 2017

Ao preparar uma visita guiada ao Palácio do Bolhão, reli a polémica referente à Condessa do Bolhão. Das incoerências de Camilo muito

se poderia escrever. Tomou partido público pelo Conde do Bolhão contra a sua mulher, que o abandonara alegando maus-tratos físicos e morais, tendo ao mesmo tempo levantado muitas vezes a voz para denunciar a violência sobre as mulheres. A Teresa de *Amor de Perdição* sofre actos de violência praticados pelo seu pai: “Tadeu, atônito da coragem da filha e ferido no coração e direitos paternais, correu ao quarto dela, disposto a espancá-la.” Não seria decerto a primeira vez. Mas é em *O Que Fazem Mulheres* que Camilo aprofunda o tema da condição da mulher num amplo texto de que transcrevo excertos:

A mulher foi escrava do braço, antes de o ser da superioridade moral. Quando o homem chamou a ciência a dar um testemunho falso da sua primazia, a mulher, quebrantada pela escravidão do braço, não pôde remir-se com as forças do espírito. Ainda assim, o tirano, receoso da emancipação, fez em redor da escrava as trevas da ignorância, para que a razão da mulher não pudesse conceber da luz o germe que a reabilitasse. Pegou da formosa flor, cercou-a de estevas, cobriu-a de sombras por onde o sol não podia coar uma réstia reanimadora. [...] O Filho de Maria disse que a mulher era igual ao homem, e levou para o céu o segredo da sua emancipação.

## Auditório do Palácio do Bolhão, 2024

Acabo de assistir a um ensaio de *Amor de Perdição*, que nunca vira adaptado ao teatro. É com prazer que me reencontro com as palavras cheias de vida de Camilo, mesmo quando rondam a morte. E talvez por ser um pouco velho desde criança, reencontro-me com memórias de lágrimas, vespas, livros, charutos, bailes. Desta vez, na expectativa de um espectáculo de teatro.

\* Dramaturgo.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

TEATRO  
NACIONAL  
S. JOÃO



TEATRO CARLOS ALBERTO  
31 OUT—10 NOV 2024

# Amor de Perdição

a partir de Camilo Castelo Branco

encenação

## Maria João Vicente

ESTREIA

31 out qui +  
9 nov sáb—19:00  
sex—21:00  
2 nov sáb—16:00  
10 nov dom—16:00  
Sessões escolas  
5+6+7 nov  
ter+qua+qui—15:00+19:00

adaptação e dramaturgia  
Constança Carvalho  
Homem

cenografia  
Cátia Barros

figurinos  
Lola Sousa

desenho de luz  
Pedro Vieira de Carvalho

sonoplastia  
João Pinto Félix

assistência de encenação  
Matilde Cancelliere

assistência de cenografia e figurinos  
Ruben Ponto

realização de figurinos  
Mafalda Costa

apoio à realização de figurinos  
Lurdes Sobrado

estagiária de figurinos  
Andrea Leonardo

construção de cenografia  
Filipe Mendes

apoio à construção  
Liliana Macedo

apoio técnico  
Fábio Pinheiro

produção executiva  
Rosa Bessa

estagiária de produção  
Daniela Fonseca

direção de produção  
Glória Cheio

Pedro Aparício

interpretação  
Anabela Sousa, Bernardo Gavina, João Cravo Cardoso, Leonor Reis, Mariana Sevilla, Matilde Cancelliere, Pedro Couto, Rita Reis, Vicente Gil

coprodução  
Teatro do Bolhão  
Teatro Nacional São João

apoio  
Casa de Camilo

### De que céu tão lindo caímos

MARIA JOÃO VICENTE

As estrelas cadentes não são estrelas que caíram do céu, mas objetos que podem ser restos ou fragmentos...

*Amor de Perdição* foi publicado em 1862, no mesmo ano em que o autor escreveu mais seis livros, entre os quais *Memórias do Cárcere e Coração*, *Cabeça e Estômago*. Camilo estava preso na Cadeia da Relação do Porto, acusado de cometer adultério com Ana Plácido, e *Amor de Perdição* foi escrito, diz-nos, “em quinze atormentados dias”. Esta urgência é uma das características determinantes no conjunto da obra do autor, que escrevia para sobreviver. Mas nem a sua circunstância, nem o seu profissionalismo, diminuem o livro. Camilo soube retratar a natureza humana no que ela contém de grandeza e miséria, e perscrutar o sentido íntimo das relações, entre o coração e a razão.

Em *Amor de Perdição*, há um sentido trágico e o amor tem um carácter performativo: não é apenas um sentimento íntimo e individual, mas um ato público que molda a realidade e define os destinos das personagens. A obra gira em torno de Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, impedidos por circunstâncias sociais e familiares de viver um amor convencional. A morte destas personagens é o gesto derradeiro onde o amor se exalta e se cumpre na impossibilidade.

Levar à cena esta obra teve em linha de conta alguns aspetos fundamentais: respeitar a riqueza da linguagem camiliana; potenciar a estrutura particular da obra, que se constrói em vários planos; sublinhar a complexidade das diferentes personagens e das suas relações, para lá do bem e do mal; abordar o amor como força catalisadora da ação.

O espetáculo começa com todos os atores e atrizes em cena, simultaneamente indivíduos e coro, com uma voz que sussurra e um corpo que luta (contra si próprio?). Simão Botelho parte cântaros, com violência. É este o gesto primeiro. Durante o processo de tra-

balho, procurámos condensar a narrativa do romance, com clareza, através do *core* que as cenas dialogadas constituem. A esse núcleo, acrescentámos o plano da narração, o que nos permitiu manobrar o tempo dos acontecimentos, informando e contextualizando a ação. Por vezes, este plano serve como motor de uma determinada situação, outras vezes é ele próprio a cena. Veja-se, por exemplo, o momento em que o palco se esvazia, numa alvorada, que a luz evidencia, desvelando a beleza da prosa. Interessaram-nos também os comentários do próprio autor, através de excertos de pendor mais crítico que convocam os espectadores para a dimensão ativa do seu papel, como o texto sobre o *dinheiro* ou o texto sobre a *verdade*, por exemplo, num exercício de diálogo evidente com a atualidade. Igualmente importante foi o território de intimidade e lirismo da correspondência entre Teresa e Simão. Esta multiplicidade de planos, prevista na dramaturgia, que se organiza em pequenos capítulos quase sempre titulados em cena, é desafiante e complexa. As atrizes e os atores não só se dividem entre personagens e narradores, que os figurinos materializam em diferentes camadas, como cunham as ações cénicas com as suas leituras particulares do texto, na sua relação com o presente, e na relação com os outros, em ato. O trabalho de encenação desenvolveu-se no sentido da apropriação do texto, das suas formas redondas e intrincadas, e da sua devolução acrescentada de sentido, emoções e jogo, num *fluxo contínuo*.

Este fluxo traduz-se numa certa *circULARidade*, que é visível no cenário, no som, nas movimentações e nos corpos que se abraçam. O amor aprisiona ou liberta?

Para esta caminhada contribuíram de forma decisiva o trabalho da dramaturgista, e as propostas, inquietações e dúvidas que cada ator e atriz trouxe ao coletivo, numa relação saudável de interdependência que acredito caracterizar o teatro. Partimos de um gesto rápido e violento e chegámos a uma canção que reverbera nos corpos expostos perante nós. Corpos cansados como cavalos que correm, livres.

### Notas mínimas sobre este Amor de Perdição

CONSTANÇA CARVALHO HOMEM

1. Há um momento da novela em que o protagonista recusa ser-lhe aligeirada a provação e, porque lhe perguntam se está demente, responde ter “a demência da dignidade”. É dessa natureza o trabalho desta dramaturgia, que não dispensou o voltar ao exemplar do livro que li em adolescente e confrontar-me com o pouco que então via e com o que anotei na orla da página de modo estratégico, desapaixonado. Terá havido leitura sem pacto, sem um aceno sequer aos diversos e reiterados apelos do narrador? Haveria leitura se me vestisse hoje de especialista? Quantas formas de impermeabilidade subtraem a experiência da leitura? E, para o que temos em mãos, quantos espectadores quererem connosco perceber o que Camilo sabe fazer e não tem pejo algum de fazer?

2. Adaptar *Amor de Perdição* não foi tanto um acto de vontade quanto um deixar emergir o que lhe é intrínseco: a dimensão do invivível no amor, a real estatura das personagens coadjuvantes, o lirismo da descrição, a acuidade da narração, o modo como o autor – oscilando entre *humilites* e imodéstia – se posiciona entre pares e assume a fricção da passagem do romantismo para o realismo. Aceitei, portanto, que a novela tem uma certa dramaturgia inerente. Trabalhei no sentido de redistribuir a atenção, e desde o início quis deixar a estrutura à vista, sublinhando os títulos dos abreviados capítulos a que cheguei. Conversámos, a Maria João Vicente e eu, sobre a hipótese de um dispositivo em arena, e na primeira leitura o elenco recebeu um guião em tudo parente da ficção original, mas com discontinuidades, silêncios ressoantes, nenhuma personagem identificada ou atribuída. Começaram logo aí a aparecer os obreiros deste espetáculo, que às cegas aceitaram descobrir o vigor integral que a retórica camiliana exige e o modo como os diferentes planos do objecto se retroalimentam. O crescimento deste trabalho é um progressivo namoro entre o centro e a periferia para prestígio de ambos. Para ignição e luminescência de ambos.

3. Ainda que o recorte de cenas (digamos) dialogadas e monologais se me apresentasse nítido – e ainda que tanto do que é comovente, galhardo e mordaz nesta novela seja passível de ser dito –, as imagens ocuparam parte das conversas e uma persistia quase como assombração: a da “celebrada pancadaria da fonte” a que tantas personagens aludem, que no guião assinalai apenas como *cântaros* e que permanece em branco. É a fonte de onde Mariana bebe (*vai fermosa e não segura*), aonde se abastecem os criados de várias casas, e onde Simão primeiro dá provas da sua juventude ingovernável. O que no guião é um percurso do cheio para o vazio, e no espectáculo é a progressão do tropel para o cansaço, talvez seja ainda um modo de irradiação desta imagem que não podíamos tornar material. Numa ficção que insiste em vedar a corporeidade, é relevante o crime original, o seu rasto de água e cântaros partidos. É ao barro de todos que estes vestígios se dirigem.

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.*

### Hortas Familiares

Diário de uma experiência pessoal com uma obra – *Amor de Perdição* – e um autor – Camilo Castelo Branco ZEFERINO MOTA\*

“Se não sabes pensar conta uma história...”  
Martin Heidegger  
(Entrevista a George Steiner, em *O Belo e a Consolação*, série televisiva holandesa produzida em 2000)

### Vizela, 1972

Em Setembro, nas termas de Vizela, sentia-se o tempo; os dias eram longos, a semana quase interminável. Até o cão, que um dia me quis morder, era velho e lento. Do silêncio dessa memória fazem parte os minutos em que ficava a ver a minha mãe a fazer tricó na sala de convívio do Hotel Sul-Americano. Por vezes, sentava-se a seu lado uma senhora de quem

apenas recordo a atitude do corpo, enrolado na leitura de *Amor de Perdição*. A cada dia, repetia-se esse momento em que a minha mãe tricotava, a senhora lia e quase sempre chorava. “É já o meu espírito que te fala, Simão. A tua amiga morreu [...]. Quem te diria que eu morri, se não fosse eu mesma, Simão?” Por uma conversa que teve com a minha mãe, vim a saber que há mais de vinte anos não pegava noutra livro.

### Porto, 1976

Pesquise as prateleiras que existem na biblioteca do meu tio só com obras de Camilo; colecionador, tinha o sonho quase impossível de reunir todas as obras editadas do escritor. Tal como muitos homens e mulheres da sua geração, sentia-se um camiliano, apesar de criticar os românticos. Cheguei a ouvi-lo citar, não me lembro já que autor: “Os românticos colocam o coração na vitrina para venderem livros.”

### S. Miguel de Seide, 1979

Numa visita a S. Miguel de Seide, a minha tia começou a falar do mau feito de Camilo e do quanto tinha feito sofrer Ana Plácido. Nesse mesmo instante, uma vespa ferrou-a, ficando-se a acreditar, entre a família, que fora o espírito de Camilo que assim se vingara.

### Liceu Filipa de Vilhena (Porto), 1980

Através da voz de uma professora extraordinária – Aldina Frias –, ia entrando no simbolismo de *Amor de Perdição*. Aguardava com ansiedade a chegada da maioridade, a idade de Simão, “o coração dos 18 anos, o coração sem remorsos”. O que mais me impressionava era a obra ter sido escrita numa cadeia, sobre um outro homem que também ali estivera preso. Em grupo, desenvolvemos um estudo comparativo entre Simão e Camilo. Com os modestos conhecimentos que tínhamos, concluímos que ambos eram briguentos, suicidários, alternando momentos de desânimo e de exaltação.

### Ruas do Porto, 1980-81

Além de *Amor de Perdição*, o programa de Português contemplava outra obra passada no Porto: *Uma Família Inglesa*, de Júlio Dinis. Começámos a passear pela cidade à procura

dos lugares que havíamos lido nesses livros: bairros, conventos, prisões. Um restaurante, por exemplo, que servia língua panada com especialidade, era o antigo tribunal em que Camilo foi julgado. A cidade aprofundou-se de referências, de sonhos e de dramas. Começavam a fazer sentido, para mim, as palavras de Eugénio de Andrade: “Era um burgo pobre, sujo, reles até – mas gostaria tanto de lhe pôr um diadema na cabeça.”

### Café Estrela d’Ouro (Porto), 1984

Nas pausas do estudo, ia lendo as *Memórias de Adriano*. Na época, acreditava na reencarnação, no eterno retorno, em tudo o que me garantisse que não morreria de vez. Mas ao ler “se a morte faz desaparecer o olhar, o sorriso, a voz, porque não a alma?”, tornei-me ateu. Só então ganhei consciência do poder de uma obra literária sobre um leitor desprotegido e pensei na senhora que chorava a ler *Amor de Perdição*.

### Porto, 1988

Ao ler *A Religiosa*, de Diderot, recordei as freiras maldizentes de *Amor de Perdição* que tanto me haviam divertido. Transcrevo um excerto de *O Espírito e a Graça de Camilo*, de Oliveira Guimarães: “O que fez rir Camilo não foi a alegria, foi o infortúnio; o seu riso, longe de ser um acto dum homem feliz, foi o desabafo ou o desforço de um homem trucidado; quer dizer, o que no riso camiliano esfuzia de ironia ou de sarcasmo foi, afinal, como em tantos outros humoristas, a tristeza que o produziu. [...] Houve quem não perdoasse a ironia de Camilo. Contava o jornalista portuense Oliveira Alvarenga que, à passagem do funeral do escritor, pelas ruas do Porto, a caminho do cemitério da Lapa, muitos lojistas, encostados às soleiras dos seus estabelecimentos, exclamavam, respirando fundo – Até que enfim!”

Espírito rebelde, Camilo satirizava tudo e todos, como a “paixão” pela poesia nesta cidade de “mercadores” (“... aqui, terra das auras,/ Espontâneas brotam Lauras/ Por entre sacas d’arroz./ E quais férteis cogumelos/ nascem Dantes de chinelos...”), e até o romantismo que ele próprio cultivara: “Eu fui outrora um lerdo choramingas/ Nos olhos tinha sempre uma cebola/ Que lágrimas chorava...”

dur. aprox. 1:30  
M/14 anos

Conversa com a  
Constança  
6 NOV 19:00  
Língua Gestual  
Portuguesa  
2 NOV

Teatro do Bolhão  
2 NOV sáb 14:30  
Conversa sobre a  
dramaturgia